

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



UMA OLARIA NA RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO (LISBOA) – SÉCULOS XV E XVI

Guilherme Cardoso¹, Luísa Batalha², Paulo Rebelo³, Miguel Rocha⁴, Nuno Neto⁵, Sara Brito⁶

RESUMO

Durante uma intervenção arqueológica efectuada na Rua das Portas de Santo Antão, no antigo Palácio da Anunciada, foram identificados três fornos de cerâmica, associados às respectivas estruturas de apoio. Trata-se de vestígios de uma olaria que terá funcionado naquele sítio nos inícios da época Moderna, produzindo formas de pão-de-açúcar, ladrilhos para atapetar os pisos das habitações e utensílios de uso doméstico de barro vermelho fosco, utilizando argilas dos Prazeres.

Palavras-chave: Olaria, Fornos de cerâmica, Formas de pão de açúcar, Cerâmicas diversas.

ABSTRACT

As result of archaeological field works carried out at Rua das Portas de Santo Antão (Lisbon), in the ancient Palácio da Anunciada, were unearthed three ceramic kilns, with their supporting structures still visible. They belong to an old pottery workshop dating to the beginning of Modern Age, using Prazeres clays as raw materials to the production of conical sugar loaf forms, ground tiles and red domestic ceramics.

Keywords: Pottery workshop, Ceramic kilns, Conical sugar loaf forms, Assorted ceramics.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer dos trabalhos para a recuperação do edifício do antigo Palácio da Anunciada, na Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, com vista à sua transformação num equipamento do ramo da hotelaria, foram postos a descoberto três fornos da transição da época medieval para a idade moderna.

Os vestígios da olaria de época moderna encontravam-se preservados sob os níveis do antigo Palácio da Anunciada, também conhecido como Palácio dos Marquês de Rio Maior, situado nas Portas de Santo Antão (Lisboa). Esta antiga casa senhorial corresponde a uma construção de finais do século XVIII aos inícios do século XIX, sendo edificada

em terrenos que teriam sido herdados da Casa dos Morgados de Oliveira, antepassados dos Marquês de Rio Maior.

Foram registados três fornos de secção circular e durante a sua escavação foi possível perceber o tipo de produção ali existente. O interior dos fornos, nos seus estratos inferiores, apresentou elementos que evidenciam uma produção específica de alguidares diversos, ladrilhos e, principalmente, formas de pão de açúcar.

Esta zona da cidade deveria corresponder, no final da Idade Média, princípios da Idade Moderna, ao início dos arrabaldes da cidade de Lisboa onde se desenvolviam os campos agrícolas com as suas quintas e hortas mas também olarias, fato confirmado pelo

1. CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa; guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt

2. batalhaluisa5@gmail.com

3. Neoépica Lda; neoepica@gmail.com

4. Neoépica Lda; neoepica@gmail.com

5. Neoépica Lda; neoepica@gmail.com

6. Neoépica Lda; neoepica@gmail.com

aparecimento de dois fornos de cerâmica, da mesma época, um pouco mais a sul, nas escadinhas da Barroca⁷, com dois fornos.

2. TRABALHOS DE CAMPO

Os vestígios da antiga olaria implantam-se no designado sector 3 – Sul, tendo-se registado a sua presença aquando do acompanhamento arqueológico da remoção dos pisos/alicerces do antigo Palácio da Anunciada. Estes trabalhos colocaram primeiramente a descoberto um caneiro que fazia parte do sistema geral de circulação e escoamento de águas do próprio palácio, com uma orientação sensivelmente Norte-Sul, verificando-se posteriormente que acabava por afectar vestígios pré-existentes relacionados com o complexo da olaria (Figuras 1 e 2).

3. A OLARIA

Durante os trabalhos registaram-se três fornos de secção circular, cujos estratos inferiores evidenciam o tipo de produção ali existente, nomeadamente alguidares diversos, ladrilhos e formas de pão de açúcar.

Contudo, a análise formal do espólio exumado indica-nos que estes fornos tiveram um tempo de laboração de curta duração, tendo em conta que esse espólio depositado aquando da colmatação dos mesmos é composto por materiais dos séculos XV-XVI. Falamos de um espólio constituído por restos faunísticos, metais e cerâmica, sobre a qual incide o nosso estudo, tendo o espaço sido utilizado como lixeira, após a sua desactivação.

Para além das citadas produções de alguidares com diferentes dimensões, dos ladrilhos de revestimento do chão e ainda das formas de pão-de-açúcar, este período encontra-se representado através de fragmentos de painéis, escudelas, malgas carenadas, pratos, testos, frigideiras, caçarolas, fogareiros, tachos, potinhos, garrafa, placas de pão, candeias, almofarizes, tacinhas e uma bacia de tamanho considerável.

4. OS FORNOS

Os fornos identificados encontravam-se melhor preservados ao nível inferior da sua câmara de com-

bustão e corredor de acesso à fornalha. O nível superior destas estruturas terá provavelmente sido afectado aquando da construção do palácio, encontrando-se apenas preservados ténues vestígios do arranque da grelha no forno 1.

4.1. Forno 1 [3013]

É o de maior dimensão, apresentando uma câmara de combustão de cerca de 2,54m de comprimento por 1,20m de largura (dimensões máximas) e uma altura estimada de 2,10m: sendo o seu acesso feito a partir do lado norte (Figura 3).

Estamos assim perante uma estrutura de grande dimensão que foi escavada no substrato geológico argiloso. No seu interior registaram-se uma série de depósitos argilosos onde se recolheu um vasto conjunto material entre restos do forno (figura 4), peças associadas ao momento de abandono e diversas peças cerâmicas que seriam alvo de produção neste local: formas de pão de açúcar e ladrilhos (Figura 4).

4.2. Forno 2 [3031-3053]

Encontra-se no limite Oeste, com uma orientação sensivelmente Sul-Norte. É composto por duas câmaras, combustão e de acesso, formando uma planta de desenho em “8”. Encontravam-se divididas por uma estrutura em alvenaria de tijolo que forma uma espécie de porta (Figura 5).

Na designada câmara de combustão [3031] os depósitos eram compostos por concentrações de cinzas e carvões, depósitos vermelhos argilosos, recolhendo-se restos das paredes do forno. Os depósitos que acabam por encher a câmara de acesso [3053] são de matriz argilosa tendo-se recolhido, nos níveis junto ao fundo, uma concentração de material arqueológico onde se destacam algumas peças inteiras e cerâmica produzida nestas estruturas, de que são exemplo as formas de pão-de-açúcar (Figura 6).

4.3. Forno 3 [3058-3037]

Apresenta características relativamente semelhantes à estrutura [3031-3053], de planta em “8”, apresentando uma câmara de combustão e um espaço de acesso a ela (Figura 7).

É de notar a presença do mesmo tipo de depósitos de enchimento que, no entanto, revelam aqui uma menor presença de materiais arqueológicos em associação.

Ainda em associação às estruturas de combustão implantadas em negativo no substrato geológico,

7. Escavados sob a direcção científica de Vanessa Filipe e Alexandra Krus.

encontram-se os vestígios de uma série de estruturas em positivo que formam compartimentos de desenho rectangular com vestígios de restos de piso em cal. Estes compartimentos estariam directamente relacionados com as estruturas de combustão, devendo fazer parte das estruturas de apoio à produção cerâmica que era tida no local.

5. AS CERÂMICAS

5.1. Cerâmica de Importação

Na cerâmica de importação predominam as produções sevillhanas. Bem representativas são as malgas carenadas de vidro plumbífero castanho, verde e melado, nºs 30, 35, 36.

O prato (nº 37), com diâmetro de 240mm, perfil oblíquo, base côncava assente em aresta e com resalto interno na zona mesial, apresenta vidro castanho com decoração a manganês. Existe um bom paralelo para este exemplar no poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras (Luna e Cardoso, 2006: 99); (Batalha, Cardoso e Luna, 2017: 13).

5.1.1. Majólica

Registámos uma malga apresentando perfil completo (nº 42), de vidro estanífero decorada a azul e manganês. De carena bem marcada, corpo troncocónico e fundo em bolacha assenta numa base plana. Na superfície externa a gramática decorativa tem como base uma banda composta por motivos fitomórficos e no interior, no fundo, uma espiral em manganês, bem como duas bandas finas azuis e uma mais larga junto ao bordo, também em óxido de manganês. Tem de diâmetro 192mm. Apresentamos um pequeno fragmento de prato (nº 43) em vidro estanífero, decoração fitomórfica em azul-cobalto, com diâmetro de 210mm.

5.1.2. Reflexo Dourado – Paterna/Manizes

As escudelas de produção Valenciana estão presentes através de dois exemplares em vidro estanífero com corpo hemisférico. O nº 40 com pega recortada e o nº 39 de perfil completo apresentam de diâmetro 114mm. Estes exemplares encontram paralelos na Casa Côrte-Real (Sabrosa, 2008: 126 a 128) e prisão do Aljube (Amaro *et ali*, 2013: 1023). O conjunto de cerâmica esmaltada proveniente do poço-cisterna de Silves ofereceu importantes exemplares de importação, entre os quais escudelas de reflexo dourado de produção Valenciana (Gomes e Gomes, 1996: 177).

Constatámos que estes exemplares possuíam decoração na qual estava presente o reflexo dourado, agora inexistente, mas cujo negativo é possível observar através de luz rasante. A gramática decorativa insere-se nos motivos de tradição islâmica que por outro lado vão sofrer a influência dos motivos orientalizantes.

Temos um único exemplar de pequena taça em vidro estanífero, bordo em aba e fundo côncavo assente em aresta. Não identificamos paralelo (nº 38). Recolheu-se um conjunto de fragmentos de um prato revestido de vidro estanífero fabricado a molde (nº 44), com 480mm de diâmetro e insere-se na chamada “Família moldada”. Não sendo muito comum em contextos por nós estudados, surgiram alguns exemplares durante a intervenção na Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo (Sabrosa, 2008: 133, 134). De salientar que esta peça foi utilizada como elemento decorativo, dado que possui dois orifícios para suspensão.

Deste conjunto de materiais destaca-se um jarro/garrafa (nº 41), também com paralelo na casa Côrte-Real (Sabrosa, 2008: 124). Trata-se de uma peça fabricada segundo a técnica de corda seca total. O corpo da peça é cilíndrico, com carena bem pronunciada a separar o colo, no qual existiria uma asa, a base é plana. Apresenta bandas verticais verdes, azuis, brancas e castanhas meladas, separadas por manganês.

Por fim, apresentamos um fundo de prato com uma quadrícula axadrezada de cores vivas, branco, verde e laranja, *scacchiera policroma* (nº 45). Ignoramos, no entanto, quer a forma do prato, quer a restante gramática decorativa. Apesar de as peças encontradas em Lisboa serem atribuídas a cronologias da centúria de seiscentos, na verdade falamos de uma produção das oficinas de Montelupo, com cronologia da primeira metade do XVI até ao final do século (il cinquecento 1530-1610, 2013: 258), com difusão por vários territórios europeus, tal como atestam as faianças de Lyon (Ravoire et Horry, 2016: 53).

O espaço Mediterrâneo encerra em si tipos decorativos ancestrais. A técnica utilizada nos centros produtores de Montelupo, faz-nos recuar ao período longínquo da época califal, em que o motivo central de alguns exemplares utilizados para lavagem do rosto e mãos (jofaina) se encontra preenchido por motivos geométricos reticulados, alternados entre óxido de cobre e óxido de manganês sobre branco (Rodríguez, Moya e Contreras, 2015: 101).

Este exemplar encontra considerável difusão em

Lisboa. Na Casa Côrte-Real surge um prato com perfil completo (Sabrosa, 2008: 139); também um fragmento de prato no Castelo de São Jorge (Gaspar e Gomes, 2012: 729) e quatro fundos no Terreiro do Trigo em Lisboa (Gonzales, 2012: 849, 850).

5.2. Cerâmica de produção de Lisboa de vidro plumbífero

O exemplo de outros locais por nós estudados permite-nos verificar a presença de objectos cujas formas são transversais a todos eles. É o caso das malgas carenadas, embora com algumas variantes, nºs 30, 31, 32, e 33. São disso exemplo, os modelos do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras, (Batalha, Cardoso e Luna, 2017: 17); as cerâmicas Vidradas de Alenquer (Cardoso *et alii*, 2016: 59); a olaria Renascentista de santo António da Charneca (Barros *et alii*, 2012: 703); o Casal do Geraldo em Cascais (Cardoso e Encarnação, 1990: estampa X) ou ainda em Cascais, os trabalhos arqueológicos realizados entre 1987 e 1988 na zona alta da vila (Cardoso e Rodrigues, 1991: 585).

Estas peças apresentam vidro plumbífero melado e castanho. No caso dos nºs 30 e 31, a carena é alta, bem acusada com parede vertical côncava. O corpo, troncocónico, assenta num pé em anel. O exemplar nº 32 apresenta perfil completo, carena alta, acusada, parede vertical com ligeira inclinação interna e pé anelar. Por último, o terceiro exemplar corresponde ao nº 33. Trata-se de uma malga também com carena alta, parede ligeiramente extrovertida, corpo troncocónico no qual se insinua um ressalto.

5.3. A cerâmica fosca de produção local

Dos materiais exumados, de entre as peças de cerâmica fosca, a produção de formas de “pão de açúcar” mostrou-se como a mais significativa.

Até ao momento desconhecia-se este tipo de produção na cidade de Lisboa, se bem que um pequeno fragmento de fundo de forma de açúcar, com orifício, proveniente do Largo de Jesus, tivesse colocado essa hipótese aquando do nosso estudo (Cardoso e Batalha, no prelo)

De concreto, sabe-se que parte da produção de formas destinadas ao comércio do açúcar era realizada na margem sul do Tejo, nas olarias de Santo António da Charneca (Cardoso e Gonzales, 2004: 34-45) e na Mata da Machada (Silva, 2012: 711-718) e (Torres, 1991: 183-206). Mais a norte existia o centro produtor de Aveiro que terá laborado durante longo

tempo e ali teriam origem a maioria das formas utilizadas na ilha da Madeira e nas ilhas Canárias (Morgado, 2009). Um outro centro produtor localizava-se junto ao Casal do Paimogo, Lourinhã, mas que continua por estudar.

As formas da Anunciada apresentam perfil troncocónico, bordo boleado, em fita, com ressalto sobre o bojo. Existem dois tipos distintos: de grande dimensão e de pequena dimensão.

O tipo 1 (nºs 1-3) têm uma altura entre os 380mm e os 400mm, o diâmetro da boca pode apresentar um diâmetro de 182mm e os 210mm, enquanto a altura do lábio pode apresentar entre 33mm e os 48mm e o orifício de escoamento 12mm e os 15mm de diâmetro. Consideramos a existência de um subtipo 1A por apresentar um lábio mais curto e arredondado (nº 4) e um subtipo 1B pela existência de lábios em fita mas com uma canelura no lábio (nºs 5 e 6).

As pastas são siliciosas, de grão médio, dureza média, foliácea, compacta e homogénea.

Os desengordurantes são compostos por moscovite, quartzo fumado, quartzo leitoso, quartzo róseo, óxido de ferro vermelho e castanho. Algumas pastas apresentam chamota e conchas de fósseis.

Técnica de fabrico: levantada à roda rápida e montada em duas partes. As superfícies mostram alisamento e vestígios de aguada proveniente do trabalho de levantamento à roda. A cozedura é oxidante podendo apresentar pastas vermelhas que variam entre 2.5YR 6/6; 2.5YR 6/8; 5YR 7/6; 2.5YR 7/8; 5YR 8/4 (Munsell Soil Color).

A infusa (nº 11) apresenta a tradicional forma de cabaça deste período, com bordo espessado dobrado sobre o colo. De tradição medieval, foram exumados vários exemplares no poço dos Paços do Concelho em Torres Vedras, datados dos séculos XV/XVI. (Luna e Cardoso, 2006: 104-106), bem como no Poço Novo (II) em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2008: 102) e ainda de Cascais, Fortaleza de Nossa Senhora da luz (Rodrigues *et ali*, 2012: 867). Também em Silves, na rua Elias Garcia, um contexto de fornos cerâmicos com cronologia do final do século XVI e início do XVII ofereceu um conjunto significativo de contentores de líquidos, entre os quais diversas infusas (Gomes, 2008: 291)

A frigideira (nº 10) é de uma peça de cozinha, exemplar único de pequena dimensão, 130mm de diâmetro. Apresenta um cabo com a extremidade em forma de gancho, facto que o distingue das formas tradicionais de secção circular e argola de suspensão.

Neste conjunto cerâmico as panelas apresentam duas tipologias. O exemplar nº 12 caracteriza-se por colo vertical bem demarcado e espessado com lábio plano sobre canelura. De perfil incompleto, o corpo indica evoluir para forma hemisférica. Esta forma encontra-se presente no espólio cerâmico do Poço Novo (II) (Cardoso e Rodrigues, 2008: 103). A panela nº 13 apresenta um bordo de secção quadrangular a partir do qual evolui possivelmente para corpo globular. As pegas são horizontais. Este exemplar encontra paralelo num conjunto significativo de panelas, em Cascais-Poço Novo (II) (Cardoso e Rodrigues, 2008: 103), em Almada (Sabrosa e Espírito Santo, 1992: 12) e ainda no centro produtor de Santo António da Charneca (Barros *et alii*, 2012: 706). Também em Coimbra, nos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Museu Machado de Castro, em contextos do século XV, surgiram vários exemplares com estas características formais (Silva, 2012: 889). Embora raros, alguns utensílios de cozinha surgem esporadicamente em contextos de escavação. É o caso deste exemplar de Coador (nº 14) de perfil incompleto, mas com a base de 130mm totalmente perfurada com pequenos orifícios. A superfície externa apresenta brunimento.

Importante elemento na loiça de cozinha e transversal a todas as épocas, o almofariz (nº 15) surge ocasionalmente em contextos de escavação. Era usado para esmagar e triturar certos alimentos, ervas ou especiarias. Em farmácia também era utilizado para produção de medicamentos. Este exemplar não apresenta perfil completo. Carecendo de bordo, a base apresenta-se compacta de modo a garantir estabilidade à peça durante a sua utilização. Este modelo torna-se interessante uma vez que se trata de uma peça de importação, concretamente da região da Bética. O diâmetro da base é de 90mm.

A sua forma é comum e encontramos bons paralelos respectivamente nas entulheiras da olaria renascentista de Santo António da Charneca (Barros *et alii*, 2012: 706); em Alenquer (Cardoso *et alii*, 2016: 61). Proveniente da rua do Poço Novo em Cascais, existe um exemplar de almofariz vidrado a verde e branco. Peça de importação, ao que tudo indica produção de Paterna dos séculos XIV-XV (Cardoso e Rodrigues, 1991: 575). Segundo Elvío de Sousa, na Freguesia de Machico é considerável o número de almofarizes. Estes apresentam perfil completo, troncocónico invertido e lábio afilado. (Sousa, 2011: 339).

Num período em que o comer à mesa sofre alterações

significativas, consequência de transformações sociais associadas ao movimento da expansão, o prato, a par de outros utensílios de mesa, ganha importante projecção no quotidiano doméstico (nºs 16 e 17).

Apresentamos dois exemplares com bordo em aba plana e diâmetro de 240mm. O primeiro apresenta perfil completo e ao fundo corresponde a um pé anelar. Esta forma datada de contextos do século XVI, não evidencia as características dos pratos encontrados com a mesma cronologia, dado que o corpo das peças é ligeiramente côncavo sem qualquer resalto. O modelo formal mais aproximado encontra-se no vasto conjunto artefactual das entulheiras dos fornos de Santo António da Charneca, num contexto bem datado do final do século XV e início do XVI (Barros *et alii*, 2012: 705).

Entre o significativo número de objectos cerâmicos destacam-se os testos (nº 18). O facto de apresentarem todos as mesmas características formais, levou-nos a representar um único exemplar. Este oferece o perfil completo, bordo semicircular com 190mm de diâmetro, corpo troncocónico, base plana e pitorra. Encontra paralelos em variadíssimos locais, entre os quais Cascais, Poço Novo (II) (Cardoso e Rodrigues, 2008: 107); em Almada (Sabrosa e Santos, 1993: 117); (Sabrosa e Santos, 1992: 12) e Santo António da Charneca (Barros *et alii*, 2012: 705).

O tacho (nº 19) que apresentamos tem de bordo com 190mm de diâmetro, arredondado, vertical, com resalto. As duas pegas são horizontais e de secção oval. Encontramos paralelos formais para esta peça em Cascais, no Palácio dos Condes da Guarda e segundo os autores é comum noutros contextos ali identificados e datados do século XVI (Cabral, Cardoso e Encarnação, 2009: 238); assim sendo, temos ainda o registo de um paralelo proveniente do Beco dos Inválidos, por lapso identificado como fogareiro (Cardoso e Rodrigues, 1999: 204).

A par destes exemplares surge uma taça de forma fechada (nº 20), incompleta com lábio de secção circular. O bordo, introvertido, encontra-se bem demarcado através de carena, com o corpo de perfil troncocónico. Em Coimbra, no Museu Nacional Machado de Castro, estes exemplares encontram-se datados no século XV, com a particularidade de possuírem o lábio em aba (Silva, 2012: 882). Na rua Henrique Nogueira em Almada, nos silos medievais, encontramos um exemplar também com cronologia do século XV (Sabrosa e Santos, 1993: 117). Em Lisboa, na rua João do Outeiro, os trabalhos ar-

queológicos ali realizados, ofereceram um conjunto de materiais datados dos séculos XV-XVI, entre os quais uma terrina que confirma as mesmas características tipológicas (Diogo e Trindade, 2003: 264).

Os alguidares (n^{os} 23, 24 e 25) constituem percentagem significativa no conjunto de materiais cerâmicos exumados neste contexto. Utensílios essenciais, foram utilizados em ambiente doméstico, principalmente na cozinha, para lavagens de louças, hortícolas, amassadura da massa de pão e bolos ou ainda utilizados na higiene pessoal.

No caso do primeiro exemplar, estamos perante um modelo singular de perfil incompleto com 300mm de diâmetro. O bordo é afilado, com ressalto acusado internamente junto ao bordo e o corpo, hemisférico, apresenta como decoração meios círculos incisos equidistantes. Para este exemplar não foram encontrados paralelos.

O segundo exemplar, também com 300mm de diâmetro, faz parte dos vulgares alguidares com bordo em aba e corpo com paredes troncocónicas. O mesmo acontece com o terceiro exemplar, mas neste caso a medida do bordo corresponde a um diâmetro de 760mm.

Tratando-se de uma forma recorrente, são vários os sítios arqueológicos que oferecem paralelos. Em Cascais, no Casal do Geraldo, estão documentados três exemplares (Cardoso e Encarnação, 1990: estampa XI). Ainda na Vila de Cascais e proveniente do Beco dos Inválidos, foi resgatado um conjunto significativo de alguidares (Cardoso e Rodrigues, 1999: 200). Em Lisboa, a intervenção arqueológica na Calçada de São Lourenço também ofereceu modelos idênticos datados do século XVI (Diogo e Trindade, 2003: 211).

Um único fragmento de placa de pão (n^o 27) faz parte deste conjunto cerâmico. Apresenta nervuras largas concêntricas, rebordo elevado e assenta em base plana, com 280mm de diâmetro. Encontramos paralelos para este exemplar nas entulheiras de Santo António da Charneca (Barros *et ali*, 2003: 304). Na ilha da Madeira, o fragmento apresentado por Elvío de Sousa tem um diâmetro inferior, 180mm e o perfil é igualmente distinto. Estes modelos foram utilizados para o fabrico do biscoito, mas o autor propõe que seriam utilizados também para grelhar ou assar peixe, assentes em fornos de barro (Sousa, 2011: 335) A bacia, n^o 26, de funcionalidade desconhecida é um utensílio de grandes dimensões de forma piriforme. Apresenta um diâmetro de 310mm e altura máxi-

ma de 240mm, pois não oferece perfil completo. O bordo de secção circular inflecte para o interior e as paredes são espessas, sendo perceptível o ponto de união das duas partes distintas na montagem da peça. Interessante o facto de as suas superfícies se encontrarem cobertas de engobe branco.

A candeia (n^o 21) é uma forma comum de contentor de fogo nos contextos arqueológicos deste período, dado que em cada habitação existiriam vários exemplares. Trata-se de um modelo de perfil completo, trilobado, de reservatório aberto, um bico saliente e base plana.

Encontram-se paralelos em Almada nos silos medievais da Rua Henriques Nogueira (Sabrosa e Santos, 1993: 121). Ainda em Almada, o silo 12 da rua da Judiaria ofereceu um fragmento de candeia de perfil completo, num contexto de materiais datados entre o final do século XII e o século XV (Batalha *et alii*, 2008: 81). Também é possível encontrar esta tipologia nos rejeitados da olaria de Santo António da Charneca (Barros, 2012: 706). Em Lisboa existe um exemplar na rua dos Correeiros (Diogo e Trindade, 2008: 183); e ainda, nos fornos da rua Elias Garcia em Silves (Gomes, 2008: 285)

Elemento fundamental em todas as cozinhas, o fogareiro é presença constante em intervenções arqueológicas de ambientes domésticos (n^o 22 e 28).

O exemplar n^o 22, de perfil incompleto, apresenta lábio reentrante de secção circular. Uma carena bem acusada separa o bordo do corpo de paredes troncocónicas. No bordo foram aplicados motivos plásticos de pirâmides aplanadas para assentamento de recipientes. A asa, em fita, encontra-se incompleta. Em Cascais, no Beco dos Inválidos, a intervenção ali realizada ofereceu vários exemplares com idêntica tipologia (Cardoso e Rodrigues, 1999: 204).

O segundo modelo, menos comum, é constituído unicamente pelas paredes correspondentes ao cinzeiro, com a particularidade de não possuir base. O convento de Jesus em Setúbal tem no seu espaço museológico um exemplar completo, proveniente de contextos bem datados do século XVI, infelizmente não publicado. (informação gentilmente cedida pela arqueóloga responsável, Maria João Cândido).

5.4. Material de construção

A quantidade significativa de ladrilhos veio comprovar que este forno estaria vocacionado para uma produção específica de materiais, entre os quais os de construção.

Os ladrilhos são rectangulares (nº 29), com 196mm de comprimento; largura: 97mm e de altura: 16mm e destinar-se-iam principalmente ao revestimento de pavimentos de casas, certamente opção à utilização da pedra, material utilizado em espaços de armazenamento e pisos térreos de certas habitações.

6. CONCLUSÕES

A análise formal deste espólio constituído por cerâmicas dos séculos XV-XVI revelou um tempo de laboração dos fornos de curta duração. A olaria teria produzido essencialmente louça fosca, formas de pão-de-açúcar, alguidares e ladrilhos.

Tratando-se de estruturas desactivadas, o espaço foi utilizado como lixeira, o que explica a grande diversidade formal do espólio cerâmico, reflexo de diferentes vivências urbanas, onde convivem objectos de uso doméstico, como cerâmica fosca de produção local, com outros de produção exógena.

A integração, à época, desta olaria numa área exterior à cidade, leva-nos a pensar que o abandono se deva ao aumento da área urbana para o lado norte e à procura de novos espaços para habitações extramuros.

BIBLIOGRAFIA

- AMARO, Clementino; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, José Pedro; MANSO, Cláudia Rodrigues (2013) – Prisão do Aljube no século XVI – vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1019-1024.
- BARROS, Luís; BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; GONZALES, António (2012) – A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca. in Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 699-710.
- BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; LUNA, Isabel (2017) – Cerâmicas Quatrocentistas e Quinhentistas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. *Al-madan* online, II série, #21 (tomo 2), pp. 11-27.
- BATALHA, Luísa; PEREIRA, Susana; BARROS, Luís (2008) – Espólio dos séculos XIV-XV: do silo 12 da rua da Judiaria – Almada. *Anais de Almada*, Almada, 9-10, pp. 35-93.
- CABRAL, João; CARDOSO, Guilherme; ENCARNANÇA, José d' (2009) – Sondagens Arqueológicas no Palácio dos Condes da Guarda. In CARVALHO, A. e Santos, C. (coord). *A Casa dos Azulejos de Cascais, de Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*. Cascais, pp. 200-241.
- CARDOSO, Guilherme; BATALHA, Luísa (s/d) – «Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa)». In *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa*, Lisboa. No prelo.
- CARDOSO, Guilherme; ENCARNANÇA, José d' (1990) – Uma sondagem de emergência no Casal do Geraldo (Estoril-Cascais). *Arquivo de Cascais – Boletim Cultural do Município*, Câmara Municipal de Cascais, 9, pp. 45-62.
- CARDOSO, Guilherme; GOMES, João José Fernandes; RODRIGUES, Severino; BATALHA, Luísa (2016) – produção oleira renascentista na bacia hidrográfica do baixo Tejo. A produção de Cerâmicas Vidradas em Alenquer, durante o século XVI. *Al-madan* online, II série, # 20 (tomo2), pp. 54-63.
- CARDOSO, Guilherme; GONZÁLES, António. (2006) – As formas de Pão de Açúcar da olaria de Santo António da Charneca, Barreiro. In Mesa Redonda “A cerâmica do açúcar em Portugal na época moderna”. Funchal. C.E.H, 1, pp. 34-45.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In *Actas do Congresso: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental (16-22 de Novembro de 1987, Lisboa)*. Lisboa. Campo Arqueológico de Mértola, pp. 575-585.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1999) – Tipologia e Cronologia de Cerâmicas dos Séculos XVI, XVII XIX Encontradas em Cascais. *Arqueologia medieval* 6. Porto: Edições Afrontamento / Campo Arqueológico de Mértola, pp. 193-212.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2008) – As cerâmicas do Poço Novo II. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 95-108.
- CATÁLOGO, *Museo nazionale romano – cripta balbi ceramche mediavali e moderne* (2013) il cinquecento (1530-1610). Ministero per i Beni e le attività Culturali, Soprintendenza speciale per i Beni Archeologici di Roma.
- DIOGO, Dias António; TRINDADE, Laura (1998) – Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nºs 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 257-265.
- DIOGO, Dias António; TRINDADE, Laura (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, 17/19, em Lisboa. In *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 203-213.
- DIOGO, Dias António; TRINDADE, Laura (2008) – Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terramotos de 1531, em Lisboa. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 171-185.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana (2012) – A cerâmica moderna do castelo de S. Jorge: produção local de cerâmica

comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de Faiança. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 719-732.

GOMES, Mário Varela (2003) – Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII – notícia preliminar. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 271-292.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XV e XVI, do poço-cisterna de Silves, *XELB Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, 3, Silves, Câmara Municipal de Silves, pp. 143-205.

GONZALES, Cristina (2012) – Os Novos Espaços da Cidade Moderna. Uma Aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Trigo. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 85-94.

LOURENÇO, S. e BUGALHÃO, Jacinta. (2006) – As formas de pão de açúcar da ilha da Berlenga. In *Mesa Redonda “A Cerâmica do açúcar em Portugal na época moderna”*. Funchal: C.E.H.A, 1, pp. 48-61.

LUNA, Isabel; CARDOSO Guilherme (2006) – Nota preliminar sobre as cerâmicas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *II Seminário do Património da Região Oeste*. Cadaval: Câmara Municipal do Cadaval, pp. 99-112.

MORGADO, Paulo (2009) – *A cerâmica do açúcar em Aveiro na Época Moderna*. Revista Patrimónios. Aveiro: ADE-RAV (Associação para o Estudo e Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro), Série II, 7, pp. 117-142.

NUNES, N. (2006) – A Terminologia da cerâmica do açúcar de cana. in *Mesa Redonda “A cerâmica do açúcar em Portugal na época moderna”*. Funchal. C.E.H, 1, pp. 64-69.

RAVOIRE, Fabienne; HORRY Alban (2016) – *Faïences et majoliques du XV au XVII siècle en France et en Belgique. Pour un bilan des connaissances archéologiques*. Editions Universitaires de Dijon. Collection, *Art, Archeologie & Patrimoine*.

RODRÍGUEZ, Rosália González; MOYA, Laureano Aguilar; CONTRERAS, Francisco J. Barrionuevo (2015) – *Los Colores del Poder. La cerámica en “verde y manganeso” de Jerez de la Frontera (Cádiz)*. Perpecias Libros.

SILVA, F. (2012) – As formas de pão de açúcar da Mata da Machada, Barreiro. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e Novos Mundos, Estudos de Arqueologia Moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 711-718.

SILVA, Ricardo Costeira da (2012) – Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo paço episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro). In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e novos mundos, Estudos de arqueologia moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 877-890.

SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de arqueologia. O quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*. Tese de doutoramento em História, especialização em História Regional e Local. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1.

RODRIGUES, Severino; BOLILA, Catarina; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, João Pedro; RIBEIRO; Inês Vaz; SIMÕES, Sara Teixeira (2012) – As cerâmicas de Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. in Teixeira, A.; Bettencourt, J. (eds), *Velhos e novos mundos, Estudos de arqueologia moderna 2 (Arqueoarte)*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 865-876.

SABROSA, Armando; SANTO, Paulo espírito (1992) – *Almada Medieval/Moderna: um projecto de investigação. Al-madan*, II série, 1, pp. 5-12.

SABROSA, Armando; SANTOS, Vítor Manuel (1993) – Cerâmica comum de silos Medievais, Rua Henriques Nogueira – Almada, *Al-madan*, II série, 2, pp. 116-122.

SOUSA, E. D. M. (2006) – A cerâmica do Açúcar das Cidades do Machico e do Funchal. Dados Históricos e Arqueológicos para a Investigação da Tecnologia e da produção Açucareira em Portugal. In *Mesa Redonda “A cerâmica do açúcar em Portugal na época moderna”*. Funchal. C.E.H, n.º 1, pp. 10-31.

TORRES, C. (1990) – Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI, na cintura industrial de Lisboa. In *Colloque Fours de Potiers et Testares Médiévaux en Méditerranée occidentale: Méthodes et Résultats (Madrid, 8-10 Janvier, 1987)*. Madrid: casa de Velázquez, série Archeologie XIII, pp. 131-141.

TORRES, C. (1991) – A arqueologia Medieval e a Historiografia portuguesa nos últimos anos. *Actas do Congresso: A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental (16-22 de Novembro de 1987, Lisboa)*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 15-16.

TORRES, C. (1991) – A indústria do açúcar nos alvares da expansão portuguesa. In *Actas del segundo Seminario Internacional La Caña de Azúcar en el Mediterráneo (Motril, 17-21 Septiembre, 1990)*. Motril: Diputación Provincial de Granada, pp. 183-206.

TORRES, C. (s/d) – *Um Forno Cerâmico dos séculos XVI e XVII na cintura industrial de Lisboa. Barreiro*: Câmara Municipal do Barreiro.



Figura 1 – Localização dos fornos no espaço do Palácio da Anunciada.



Figura 2 – Planta dos fornos 1, 2 e 3.



Figura 3 – Forno 1 durante os trabalhos de escavação.



Figura 4 – Formas de pão-de-açúcar no interior do Forno 1.



Figura 5 – Forno 2 durante os trabalhos de escavação.



Figura 6 – Rejeitados na base da câmara de acesso ao forno 2.



Figura 7 – Fornos 2 e 3 durante os trabalhos de escavação.

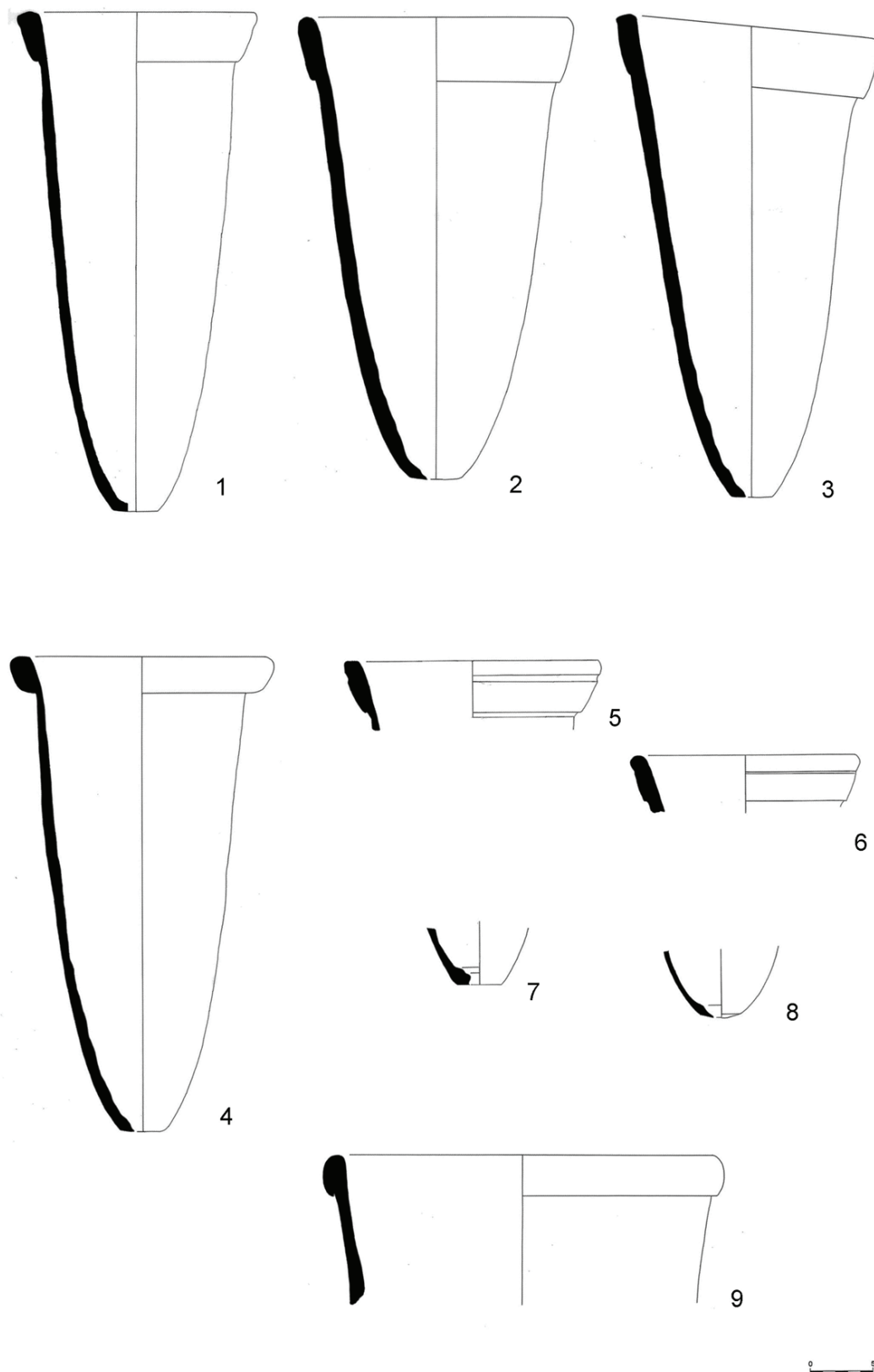


Figura 8

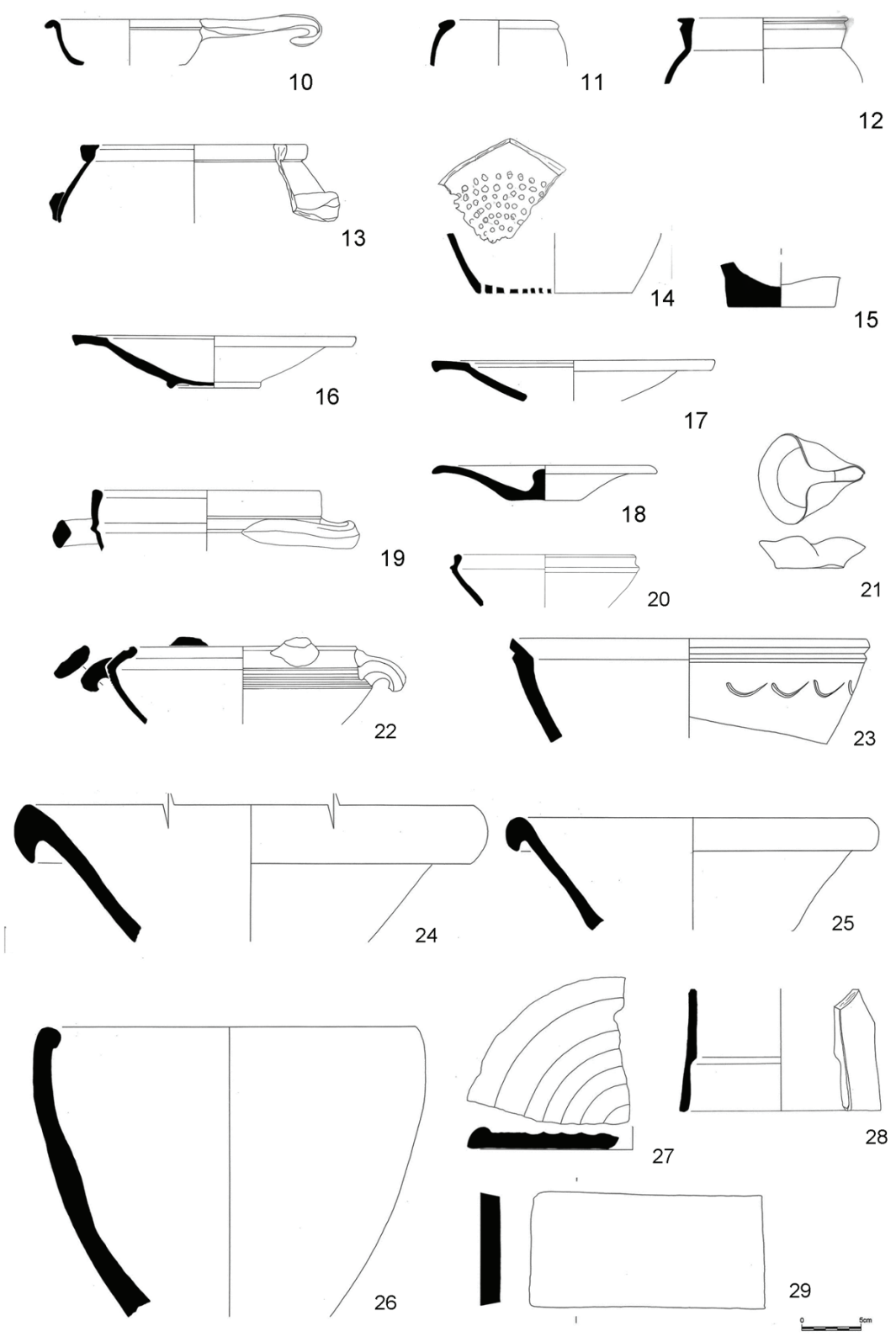


Figura 9

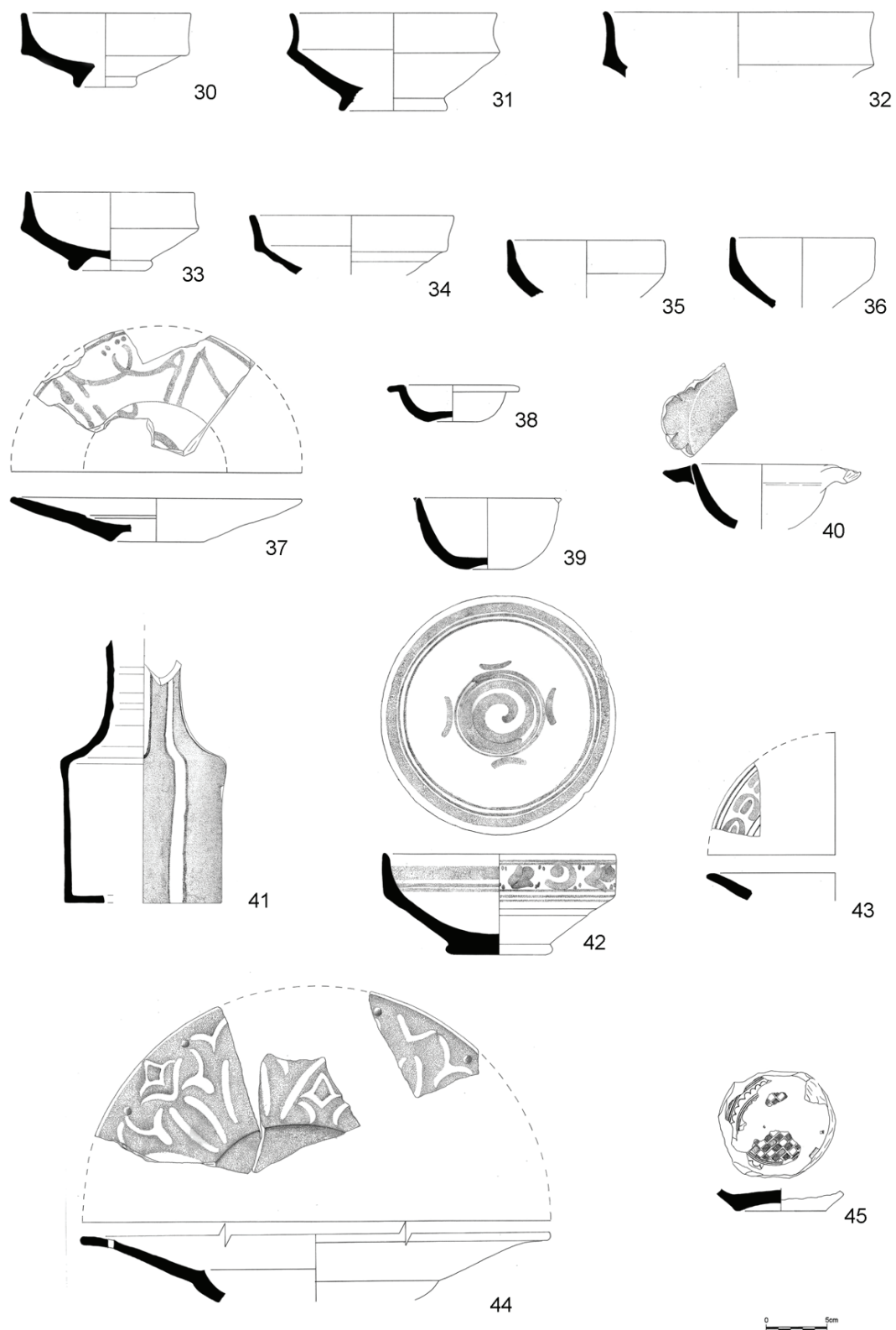
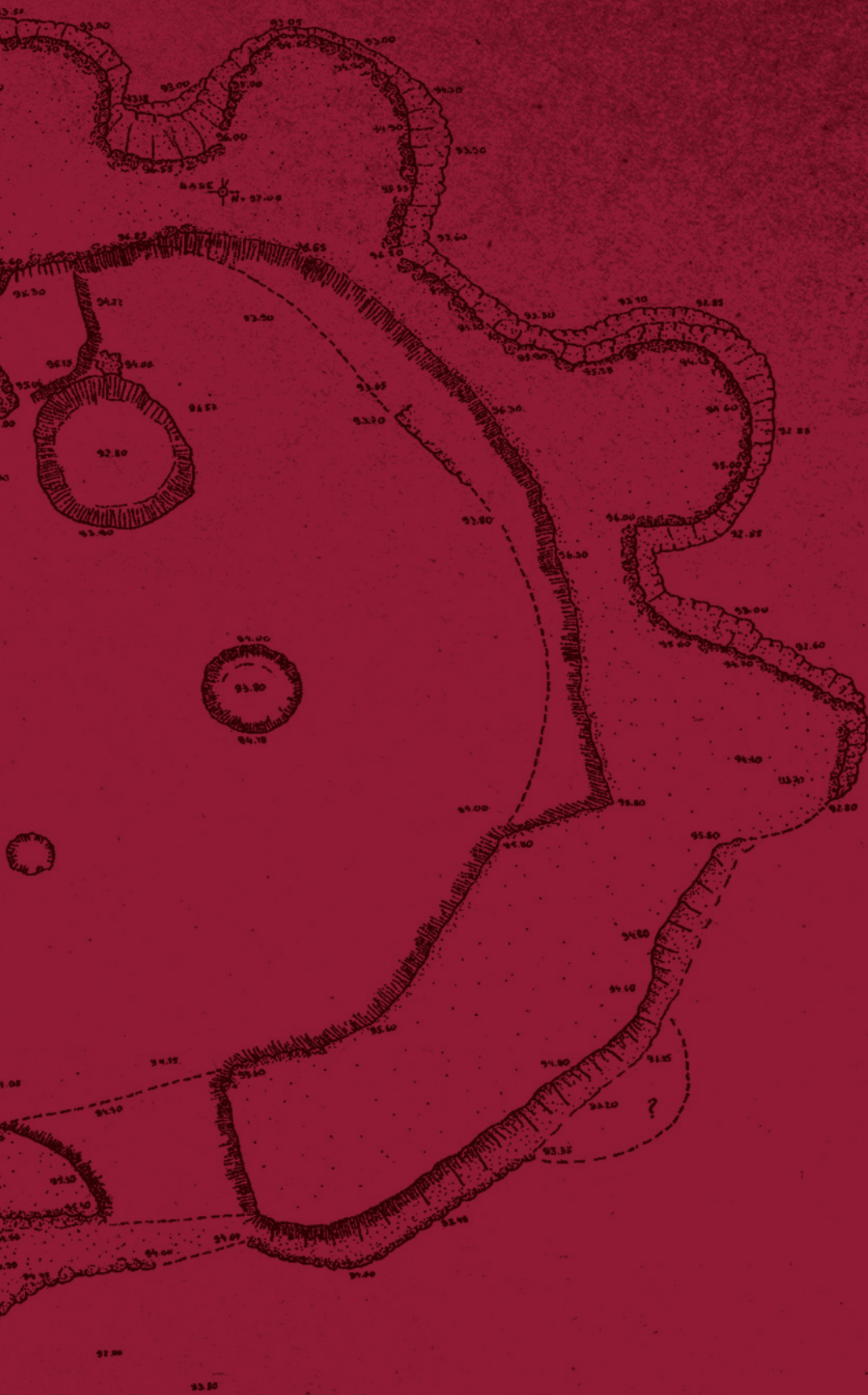


Figura 10



Patrocinador oficial